

1

Introdução

Os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de Setembro de 2001 aumentaram a preocupação dos EUA com relação a sua segurança energética, principalmente ao fornecimento de petróleo proveniente do Golfo Pérsico. O grupo de terroristas que infligiu o ataque contra os EUA, fazia parte de uma rede global que tinha como principal objetivo derrubar a monarquia saudita pró-americana do poder, visando instaurar um governo Islâmico em seu lugar. Se a rede conseguisse derrubar a monarquia e alcançasse o governo da Arábia Saudita, isto significaria o controle de aproximadamente um quinto das reservas internacionais de petróleo.¹ Para os EUA, o surgimento de um governo antiamericano na Arábia Saudita seria desastroso, uma vez que os EUA seriam privados da maior fonte de riqueza petrolífera mundial.

A lógica para justificar a preocupação americana com relação ao acesso às fontes de petróleo internacionais, residia na constatação de que o petróleo continuaria sendo, durante ainda muitas décadas, a principal base energética do planeta. Apesar do crescente avanço das energias alternativas e renováveis, o século XXI ainda é marcado por uma forte dependência das energias fósseis (carvão, petróleo e gás natural) para alimentar o crescimento econômico das nações.

Neste trabalho, o acesso dos EUA às fontes de petróleo do Golfo Pérsico foi analisado a partir de uma abordagem geopolítica. A geopolítica foi escolhida como marco teórico por privilegiar, na análise internacional, a influência da geografia sobre as decisões políticas e estratégicas dos Estados. Os fatores geográficos como a qualidade do solo, o clima e os recursos naturais seriam determinantes para a formulação das estratégias políticas de um determinado Estado.

Halford John Mackinder, eminente geógrafo inglês e um dos fundadores da geopolítica, destacou que com relação aos processos políticos “é o homem e não a natureza quem inicia, mas é a natureza quem dirige em grande parte”. Mackinder

¹ Ver Tabela 1- Produção e reservas de petróleo no Golfo Pérsico (2004), p. 37.

procurou determinar a importância dos fatores geográficos para a tomada de decisões dos governantes dos Estados, sem olvidar porém, a iniciativa das decisões humanas. A análise de Mackinder não se restringiu ao estudo do Estado isoladamente, o autor procurou compreender o conjunto dos Estados mundiais. Através de uma abordagem sistêmica, Mackinder desenvolveu conceitos que pudessem explicar as relações entre os diversos Estados do Sistema Internacional.

Mackinder revolucionou o seu tempo ao questionar o processo civilizatório europeu que, segundo o autor, não seria um processo endógeno e sim uma resposta dos povos europeus aos constantes ataques asiáticos. Neste sentido, a formação da Europa era consequência de uma dinâmica mundial mais abrangente, o resultado da luta secular entre os povos nômades das estepes do interior da Ásia contra os povos sedentários da península europeia. No final do século XIX, o arcabouço teórico desenvolvido por Mackinder representou o rompimento com teses da época que colocavam a Europa como o centro do mundo e que desenvolviam teorias preconceituosas sobre a superioridade do europeu sobre os ‘povos bárbaros’ da Ásia e sobre os ‘povos primitivos’ da África e da América.

O conceito desenvolvido por Mackinder de *mundo como sistema político fechado*, destacou que todas as partes do mundo seriam interdependentes, e com isso, não haveria mais a possibilidade de ocorrer eventos políticos isolados. Mackinder asseverou que esta interdependência era uma consequência direta do fim da chamada ‘Era Colombiana’ que levou os europeus até os pontos mais distantes da Ásia e da África e permitiu-os conhecer o novo Continente da América. A partir deste momento, não haveria mais terras a serem exploradas ou desconhecidas, por isso, o termo ‘*mundo como sistema político fechado*’. Deste modo, qualquer crise que ocorresse no mais distante rincão da Terra teria repercussões sobre as demais regiões do mundo.

Com o fim da ‘Era Colombiana’ e a consequente repercussão de eventos localizados por todo o globo, foi possível para Mackinder generalizar e relacionar as realidades geográficas com a história mundial. O conceito mackinderiano de *causalidade geográfica na história universal* procurou destacar a predominância da geografia sobre a história: como as determinações geográficas haviam moldado o curso da história mundial. Conceitos da geografia como a densidade demográfica ou a presença de recursos naturais em abundância em um determinado Estado seriam fatores que determinariam o transcurso das ações

destes Estados e, com isso, a história mundial teria a sua causa última na geografia.

A principal contribuição de Mackinder para a geopolítica, porém, foi a construção da teoria do ‘pivô geográfico da história’ ou ‘área pivô’, que posteriormente foi chamado de ‘coração continental’. A teoria do ‘coração continental’ colocou ‘em cheque’ a centralidade européia, quando Mackinder deslocou o centro do mapa cartográfico para a região entre a Alemanha e a Rússia: a área pivô. Esta seria uma área de muita importância geográfica e, a potência mundial que conseguisse conquistá-la, obteria o controle sobre todo o mundo. A importância geográfica da região residia em três fatores principais: 1- era a planície mais extensa do planeta, 2- contava com uma topografia plana que facilitava a mobilidade de sua população em direção às demais regiões do globo, e 3- não possuía rios navegáveis até os Oceanos, impedindo assim que uma potência marítima chegasse até o centro desta região. Deste modo, Mackinder acreditava que quem controlasse esta região se tornaria a maior potência mundial.

Neste trabalho, o conceito de ‘coração continental’ foi adaptado para a região do Golfo Pérsico que seria, por sua vez, o *coração energético mundial*. Esta é a região mais rica em recursos fósseis do planeta, e concentra as maiores reservas de petróleo do mundo. O Golfo Pérsico detém cerca de 62% das reservas internacionais de petróleo e é responsável pela produção de 30% de todo o petróleo que é explorado por dia no mundo. Deste modo, desde que o petróleo se tornou a principal fonte de abastecimento energético da moderna sociedade industrial, os Estados dependentes de petróleo importado têm desenvolvido estratégias específicas para esta região.

De fato, a presença de poços de petróleo em abundância no Golfo Pérsico determinou a participação ativa das principais potências mundiais, na história da região. O ponto de inflexão da história do petróleo no Golfo Pérsico foi quando a Inglaterra, sob a administração de Winston Churchill, decidiu que iria converter a fonte energética dos seus navios de guerra de carvão para petróleo. Tal decisão apresentou um dilema para a administração inglesa, uma vez que apesar do petróleo oferecer uma vantagem significativa em velocidade e em resistência com relação ao carvão, trocar a fonte energética dos seus navios significaria tornar-se dependente de suprimentos energéticos importados, uma vez que a Inglaterra era rica em fontes de carvão, mas possuía poucos poços de petróleo. Mesmo assim, a

Inglaterra decidiu trocar as fontes energéticas porque conseguiria uma importante vantagem militar com relação aos seus adversários, principalmente a Alemanha. (KLARE, 2002, p. 30)

Com a iminência da guerra, a administração britânica decidiu que o governo seria o responsável pelo fornecimento petrolífero, e assegurar as fontes de energia se tornou uma questão de segurança nacional. Em 1901, o investidor inglês Sir. William D'Arcy, já havia obtido permissão para explorar o petróleo do antigo território persa, no entanto, foi em 17 de Junho de 1914 que o governo britânico aprovou a compra da maior parte da Companhia de Petróleo Anglo-Persa.² Com a aquisição da Companhia de Petróleo Anglo-Persa, "se tornou parte da política britânica proteger a concessão petrolífera na Pérsia. _ portanto, pela primeira vez, tornou a segurança do suprimento do petróleo estrangeiro, uma questão de responsabilidade do Estado". (Op.Cit.) O Império Otomano, motivado pelo sucesso da concessão de exploração petrolífera em território persa, concedeu os direitos de exploração e produção de petróleo para a *Turkish Petroleum Company*, formada com capital da Inglaterra, Holanda e Alemanha.³

O fim da Primeira Guerra Mundial e o desmembramento do Antigo Império Otomano ocasionou uma nova divisão das fontes petrolíferas do Golfo Pérsico. A Inglaterra fortaleceu sua posição dominante com o Irã (antiga Pérsia) e expandiu seus interesses petrolíferos na região do Golfo. As demais potências mundiais necessitando das fontes energéticas petrolíferas de forma crescente seguiram o exemplo inglês e começaram a controlar as fontes de suprimento energético da região. (Op.Cit., p. 31)

Entre 1919 e 1920 foi formada a *Iraq Petroleum Company* (IPC), neste novo consórcio os interesses alemães foram transferidos para a França, e a Inglaterra foi obrigada a ceder parte de sua área de influência para as empresas americanas Exxon e Mobil. Através da IPC foi partilhado o direito de exploração e produção de petróleo entre várias novas nações como o Iraque, Abu Dabi, Omã e Qatar. O Kuwait não participou do consórcio IPC, mas sua exploração e produção de petróleo foram concedidas a Gulf, empresa americana. No entanto, devido a pressões da Inglaterra, a exploração no Kuwait aconteceu em parceria

² A Companhia de Petróleo Anglo-Persa deu origem a atual empresa *British Petroleum* (BP) que em 1914 contava com 50% de capital nacional inglês. MOUTINHO DOS SANTOS, 1997, p. 98.

³ A *Turkish Petroleum Company* era controlada pela BP (50%), Shell (23,75%) e pelo Deutsche Bank (23,75%). Op. Cit.

com a BP, assim, Inglaterra e EUA partilharam cada uma 50% da riqueza petrolífera deste novo Estado. (Moutinho dos Santos, 1997, p. 98)

A necessidade de petróleo para alimentar o contínuo crescimento das economias industrializadas, fez com que países como a Inglaterra, França e EUA, procurassem garantir relações comerciais privilegiadas com os novos Estados formados com o fim do Império Otomano. Deste modo, seria possível relacionar uma realidade geográfica _a presença do petróleo no Golfo Pérsico_ com a história, e assim compreender a participação política de potências mundiais junto aos Estados do Golfo. O caso mais notável de participação das grandes potências mundiais junto a um novo Estado do Golfo Pérsico foi o relacionamento entre os EUA e a Arábia Saudita.

Em 1932, o Rei Ibn Saud fundou a Arábia Saudita com o apoio dos EUA. A nova monarquia cedeu os direitos de concessão para exploração e produção de petróleo para a empresa americana Chevron, assegurando o acesso americano às fontes de abastecimento energético da região do Golfo Pérsico. Segundo Michael Klare, o relacionamento entre os EUA e a família real da Arábia Saudita foi firmado nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial e foi um dos mais "extraordinários episódios da história moderna americana":

"O Presidente Franklin D. Roosevelt encontrou o Rei Abdel-Aziz Ibn Saud, o fundador da moderna dinastia Saudita, enquanto retornava da Conferência em Yalta. Apesar dos detalhes deste encontro nunca terem se tornado público, acredita-se fortemente que Abdel-Aziz ofereceu a Roosevelt acesso ilimitado ao petróleo Saudita em troca da proteção dos EUA à família real contra ataques externos e internos". (KLARE, 2002, Introdução, p. x.)

Deste momento em diante, os EUA se tornaram os principais defensores da dinastia Saudita, garantindo com isto, a manutenção das fronteiras estatais da Arábia Saudita na região do Golfo Pérsico. Este episódio evidenciou como a presença geográfica do petróleo no território da Arábia Saudita determinou o curso da história na região do *coração energético mundial*. O inescapável constrangimento geográfico garantiu que o território da atual Arábia Saudita apresentasse a maior reserva isolada de petróleo e fosse o maior produtor de petróleo mundial. Deste modo, a importância estratégica da Arábia Saudita para a manutenção do *interesse nacional vital* dos EUA na região, garantiu para a família real Saud o apoio americano em todos os momentos de crise interna ou externa.

Na história da humanidade, muitos recursos naturais foram necessários para sustentar a sociedade industrial moderna. No entanto, somente o fornecimento de petróleo foi visto pelas potências mundiais como uma questão de segurança nacional. Se, de acordo com Mackinder, os processos históricos estão condicionados pela realidade geográfica, a participação ativa das grandes potências imperialistas no processo de formação dos Estados do Golfo Pérsico é justificada pela presença geográfica de abundantes fontes de petróleo nesta região.

Deste modo, pode-se afirmar que a importância geopolítica do Golfo Pérsico encontra-se precisamente nas suas abundantes reservas de petróleo. Os Estados do Sistema Internacional dependem de forma crescente das fontes petrolíferas para manterem o crescimento de suas economias. No entanto, muitos destes Estados não possuem petróleo suficiente em seus territórios, precisando importar grande parte do recurso utilizado. Como a região do Golfo conta com as maiores reservas provadas de petróleo do mundo, os Estados dependentes de energia importada estão, com o passar do tempo, cada vez mais dependentes das fontes petrolíferas desta região.

Os EUA, por sua vez, representam o Estado que mais consome energia oriunda de recursos fósseis do planeta. Suas reservas nacionais de petróleo estão se tornando cada vez mais escassas, e, se forem mantidas as atuais taxas de exploração de 2.8 bilhões de barris de petróleo por dia, as reservas americanas se extinguirão até o ano de 2010.⁴ Por estes motivos, os EUA mantiveram uma política especial junto aos Estados do Golfo, com o objetivo de resguardar o acesso americano às fontes de petróleo da região.

Para analisar as relações entre os EUA e os Estados do Golfo Pérsico, o presente trabalho utilizou conceitos desenvolvidos por autores contemporâneos que se especializaram nas estratégias americanas de geopolítica. São utilizados os conceitos de *interesse nacional vital* de Robert Art e de *pluralismo geopolítico* de Zigmund Brzezinski. O primeiro conceito procura destacar quais interesses nacionais são considerados de importância vital para a manutenção do poder americano. Segundo Art, a determinação correta dos interesses de um Estado seria o primeiro passo para a construção de uma boa estratégia de ação na política internacional.

⁴ Estes dados estatísticos correspondem ao ano de 2000. KLARE, 2002, p. 55.

Art destacou que um dos três interesses nacionais vitais dos EUA era impedir que as fontes de petróleo do Golfo Pérsico ficassem nas mãos de uma só potência regional. Os EUA temiam que a ascensão de um líder regional desafiasse a preponderância americana na região, dificultando o acesso às fontes de petróleo.

O *pluralismo geopolítico* consiste, segundo Brzezinski, num conceito geopolítico e numa ‘norma de ação’ para a política internacional americana. Os EUA utilizaram a estratégia do *pluralismo geopolítico* para alcançar seus *interesses nacionais vitais* na região do Golfo Pérsico. Seguindo esta estratégia, os EUA deveriam usar de meios diplomáticos, econômicos e até militares para impedir que um dos Estados do Golfo, ou uma coalizão de Estados, exercesse a hegemonia sobre as fontes de petróleo. Para tanto, os governos americanos procuraram manter um equilíbrio na balança de poder da região. Quando um Estado do Golfo se fortalecia e desequilibrava a balança de poder, os EUA rapidamente enviavam ajuda para os demais Estados da região através da venda de armamentos, transferência de tecnologia ou mesmo com o envio de tropas para a região. No entanto, segundo Art, quando os meios econômicos e diplomáticos falhassem em dissuadir o Estado com pretensões hegemônicas no Golfo, os EUA deveriam intervir diretamente através da força militar.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a presença de fontes de petróleo abundantes na Golfo Pérsico foi fundamental para determinar a estratégia geopolítica dos EUA para a região. O argumento central do trabalho destaca que para garantir seus "interesses nacionais vitais", os EUA buscaram impedir a ascensão de uma hegemonia na região do Golfo. Para tal é analisada a estratégia geopolítica americana para a região nos anos de 1980 até 2003, período que compreende três grandes guerras na região: A Guerra Irã-Iraque; A Guerra do Golfo; e a Invasão Americana ao Iraque em 2003. O presente trabalho tem sua estrutura em seis capítulos, sendo que o primeiro capítulo é a introdução e o sexto a conclusão.

O segundo capítulo faz uma discussão teórica acerca da geopolítica, destacando suas duas principais escolas: A Teoria do Estado Orgânico e a Geoestratégia. O trabalho de Mackinder é adaptado para analisar a região do Golfo Pérsico, com o objetivo de destacar a importância geopolítica da região para o Sistema Internacional. Os conceitos de Robert Art e de Zigmund Brzezinski são

desenvolvidos no capítulo e utilizados para compreender a estratégia americana para a região do Golfo, no período em estudo.

O terceiro capítulo vai analisar a estratégia americana para o Golfo Pérsico durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988). A Revolução Iraniana em 1979 foi um importante antecedente histórico para compreender o conflito em estudo. O governo do Xá Reza Pahlavi no Irã era o principal aliado americano na região, desta forma, a Revolução foi um forte golpe para a política americana com relação ao Golfo. A ascensão de um governo Islâmico fundamentalista no Irã assustou a administração do Presidente Carter, uma vez que o seu líder, Aiatolá Khomeini, era um antiamericano declarado e pretendia acabar com a influência do Ocidente no Irã.

O conflito que foi iniciado pelo Iraque por uma disputa de fronteiras, durou por oito anos e não teve ganhadores nem perdedores. As fronteiras entre os dois países permaneceram as mesmas de antes da guerra. No entanto, do ponto de vista econômico e diplomático, o Iraque saiu vencedor. O Iraque contou com muitos aliados durante a guerra, a URSS tinha relações de amizade com o governo de Saddam Hussein e por isso enviou armamentos para o Iraque. Países da Europa Ocidental, tais como a França e a Alemanha, também ajudaram o Iraque por temerem uma expansão do regime fundamentalista do Irã nos Estados do Golfo. Mesmo os EUA, que não tinham relações diplomáticas nem com o Irã nem com o Iraque, optaram por se alinhar com o Iraque que seria a escolha ‘menos pior’ para a manutenção dos *interesses nacionais vitais* americanos. No entanto, o episódio do Irã-Contras demonstrou que a administração Reagan não possuía uma aliança muito forte com o Iraque.

O quarto capítulo analisa a participação americana na Guerra do Golfo (1990-1991). Uma coalizão internacional liderada pelos EUA, com o aval do Conselho de Segurança da ONU, iniciou um ataque contra as forças iraquianas que haviam invadido o Kuwait. Os EUA temiam que o Iraque se tornasse um líder regional através da anexação do Kuwait, e, além disso, a administração Bush acreditava que Saddam pudesse anexar também a Arábia Saudita. Caso o Iraque realmente pretendesse anexar a Arábia Saudita e o Kuwait, e obtivesse êxito em fazê-lo, Saddam Hussein dominaria a maior parte das reservas de petróleo internacionais e exerceria um poder de monopólio que ameaçaria a posição predominante dos EUA no Golfo Pérsico. A Guerra do Golfo foi um ponto de

inflexão para a estratégia geopolítica dos EUA, já que foi a primeira vez que o governo americano se envolveu de forma direta numa ação militar na região.

Finalmente, o quinto capítulo estuda os antecedentes da invasão americana ao Iraque em 2003. Os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono contribuíram para aprofundar ainda mais a estratégia dos EUA com relação ao Golfo Pérsico. O advento da ‘Doutrina Bush’ e suas premissas de ataque unilateral e preventivo, permitiram aos EUA iniciar uma invasão contra o Iraque de Saddam Hussein, ainda que sem o aval do Conselho de Segurança da ONU, e com a recusa da maior parte da Comunidade Internacional.